

DR. JORGE OOM
do GIMNASIO CLUBE
Campeão nacional de
florete, sabre e espada
(foto Nunes d'Almeida)



Stadium

N.º 28 ★ 16 DE JUNHO D. 1943

Os torneios de futebol e as suas características

QUANDO este artigo for publicado são conhecidos, certamente, os finalistas da «Taça de Portugal». Um desafio a mais, ou a menos, na série emotiva desta «Taça», não conta para a análise das suas características, ou não altera os comentários que a sua disputa possa justificar.

A razão principal deste artigo é, além disso, o espírito de uma interessante crónica do nosso prezado colega capitão Ribeiro dos Reis, no «Diário de Lisboa», na segunda-feira da semana passada. Devemos, porém, anotar, desde já, que nós somos partidários da fórmula de disputa a duas «mãos», num torneio como este da «Taça de Portugal».

Dizia Ribeiro dos Reis que os jogos da citada «Taça» perdem beleza por causa das características do torneio. Nêstes desafios a preocupação é marcar «goals».

É de facto assim. É e tanto mais assim quanto é certo ser necessário, ainda, vencer algumas vezes as desvantagens oferecidas pelo sistema de um jogo numa só «mão», em campo escolhido por sorteio.

O sistema a deitar fora exige a preocupação do «goal». Mas, com os desafios a duas «mãos», havia, ainda, o recurso do segundo jogo, para repôr as coisas e os valores, após uma jornada de azar.

A estas características junta-se a desvantagem que pode resultar do sorteio do campo por escolha. E coisa assente, mesmo entre os críticos da bola, a influência do conhecimento do campo, para qualquer clube. Classifica-se, isto, da vantagem de jogar em casa. Quem, pelo desfecho do sorteio, tiver o jogo no seu campo, fica, desde logo, só por este facto, com maior número de probabilidades de triunfo.

O «Onze» adversário tem por isso de usar como tática de jogo a procura do «goal» a todo o transe. Marcar pontos é a finalidade de qualquer encontro, em desafios de competição. Nêste caso, porém, exclue toda a preocupação do valor de exibição. É preciso ganhar. E isso é tudo...

Para nós, temos que seria mais perfeito o sistema de jogos em duas «mãos», dada a inviabilidade financeira do desafio em uma só «mão» em campo neutro. Assim, a marcha do torneio, em selecção de valores, depende muito do sorteio do campo e dos contendores.

É um torneio de surpresas. Mas de surpresas que nem sempre são a revelação de novos valores.

MÁRIO DE OLIVEIRA

NOTAS & COMENTÁRIOS

Voltou a falar-se num torneio de clubes populares, a organizar pela Associação de Futebol de Lisboa. O problema foi pôsto já há tempo pela Federação Portuguesa de Futebol, com instruções às diversas associações regionais. A Associação de Lisboa preparou-se, pois, para fazer o seu torneio. E instituiu, para esse efeito, uma taça — a taça «Propaganda».

É talvez um pouco tarde. Mas vale mais tarde, do que deixar a época em branco.

COM o problema da acção dos clubes populares, relaciona-se o da dispersão dos núcleos desportivos. Os clubes populares são assim chamados por não passarem de pequenos núcleos. São manifestações de tendência para a dispersão. Esta descentralização nunca deve ir além de certos limites. As forças deveriam ser doseadas — com peso e medida...

Em alguns centros de população, há clubes a mais; e noutros há-os a menos. No meio lêmo é que está a virtude. Nem tanto ao mar, nem tanto à terra...

TODA a propaganda deve ser orientada, para que produza os efeitos em vista. A propaganda pode mesmo ser uma ciência — quando assume uma determinada importância. Vem esta observação a propósito do pequeno cruzeiro que a direcção do Clube Náutico de Portugal ofereceu a alguns jornalistas, no «Marilines», barco de excelentes condições para uma viagem do género.

Há pessoas que enjoam facilmente e as viagens por mar são-lhe por isso penosas. Mas há por certo jornalistas que não gosaram nunca o prazer de um cruzeiro num barco de recreio. Se gostarem, ficam em condições de fazer boa propaganda. Vale a pena tentar — como somente para a propaganda no futuro.

A iniciativa do Clube Náutico é, pois, digna dos melhores elogios — e teve o melhor êxito.

O atletismo entrou agora na fase de maior actividade, relativamente às provas de pista. Como de costume, as primeiras provas são os torneios regionais de estudantes. Em atletismo, parte-se do simples para o complicado, dos atletas novos — para os campeões. É a boa norma.

Os campeonatos universitários, que estiveram marcados para os dias 5 e 6, efectuaram-se uma semana depois e dêles damos resultados noutro lugar.

NA provincia encontra-se algumas vezes regulares espiritos de iniciativa. Em Elvas, por exemplo, disputou-se um Concurso Internacional de Tiro aos Pombos. Está um pouco para nós como o torneio internacional de Badajoz, em Espanha. Regiões fronteiriças, tiram partido de proximidade de bons atiradores, nos dois países vizinhos.

António Paçeira ganhou, neste concurso, a «Taça Portugal». Ficou em boas mãos — nas mãos de um português que é atirador de notáveis recursos.

ANO XI — Lisboa, 16 de Junho de 1943 — II SÉRIE-N.º 28

STADIUM
REVISTA DESPORTIVA
Director e Editor
DR. GUILHERMINO DE MATOS

Propriedade da
SOCIEDADE REVISTAS GRÁFICAS LDA.

Redacção e Administração:
T. CIDADÃO JOÃO GONÇALVES, 19-3.º
Telefone 51146 — LISBOA

Gravura e impressão de NEOGRAVURA, LTD.
Composição e impressão tipográfica na
GRÁFICA SANTELMO — LISBOA

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

A cooperação da cavalaria portuguesa no Concurso Hípico de Madrid tem agora contrapartida no Concurso de Lisboa. O torneio anual da Sociedade Hípica volta a ser internacional — de facto. A inscrição estrangeira está limitada, este ano, aos cavaleiros espanhóis. É pouco, sem dúvida. Basta, porém, para dar relevo e mais emoção e brilho às diversas provas.

Registando gostosamente a participação da Espanha, saudamos os cavaleiros visitantes e desejamos aos nossos a maior porção de triunfos.

TERMINARAM os campeonatos nacionais corporativos em basket-ball. Noutra altura da «Stadium», tem o torneio os merecidos comentários de ordem técnica. Para esta secção queremos destacar somente o valor da iniciativa. Estes campeonatos são sempre úteis, como propaganda de qualquer desporto, quando se mantêm dentro das respectivas características.

Coube a Lisboa a vitória final, em ambas as Divisões — na Divisão A, por intermédio da Companhia do Gás, dentro da qual existe e funciona o Ligás, bem classificado no torneio regional inter-clubes. A Fundação do Grémio dos Armazenistas de Mercadoria ganhou o campeonato da Divisão B.

Foram finalistas: na divisão de honra o S. João Cino, do Porto; na Divisão B, o Comissariado do Dusemprego, de Coimbra. Os lugares de honra couberam, portanto, ao Porto e Coimbra. Os campeonatos corporativos confirmaram, assim, o melhor valor de Lisboa, Porto e Coimbra na prática de «basket-ball».

AS dificuldades com que os clubes lutam obrigam-nos a soluções que revelam por vezes certo espírito das realidades... No Alentejo vimos há pouco um processo fácil de evitar os encargos da organização de encontros de futebol — os desafios de subscrição.

Fazem os desafios com entradas gratuitas — mas há uma bandeja para aquilo que cada um pode ou queira dar...

DENIRO das «Jornadas de Propagandas» do nosso prezado colega «Diário de Notícias», tem sido feita boa propaganda de várias modalidades desportivas. E a ginástica tem beneficiado grandemente da oportuna iniciativa do categorizado diário português.

O sarau luso-espanhol é iniciativa que não esquece facilmente, pelo seu carácter de competição peninsular de ginástica.

HÁ coisas que têm explicação, mas que não se compreendem facilmente, vistas por quem anda fora do respectivo meio. É curioso um exemplo recente — o que se passou com o Campeonato Nacional do Espada.

Na final dessa prova, a mais importante pelo título pôsto em luta, apenas tomaram parte esgrimistas das seguintes colectividades: Ginásio Clube Português, Sala de Armas Carlos Gonçalves e Hockey Clube de Portugal. A sala Carlos Gonçalves é especializada em esgrima; os outros clubes concorrentes dedicam-se, porém, a vários desportos. Entre os clubes que faltaram figura o Centro Nacional de Esgrima, que se dedica exclusivamente a aquêlle desporto.

FALAMOS, ha algumas semanas, no facto de Lisboa ter ficado excluída do campeonato nacional da II Divisão. Vem por isso a propósito falar da melhor representação da provincia nêste torneio — e na «Taça de Portugal». Lisboa foi para esta prova apenas com quatro concorrentes — Benfica, Sporting, Belenenses e Unidos. Setúbal concorreu com três clubes — Unidos do Barreiro, Barreirense e Vitória. O Porto teve três e Braga e Faro dois representantes. Por parte de Coimbra, houve apenas a Académica.

O quadro dos clubes para a «Taça de Portugal» tem, pois, alguma coisa de inédito. A provincia progrediu em número — pelo menos.

ESGRIMA A última vitória do

DR. JORGE CÉSAR OOM

deu-lhe ao e reuniu os títulos de campeão nacional de florête, espada e sabre.

COMO dizíamos no nosso anterior número, concluiu no primeiro dia da semana passada o campeonato nacional de espada. Publicamos a classificação da «poule» final, a título de registo nestas colunas:

Campeão — Dr. Jorge César Oom, do Ginásio Clube, 6-1; 3-4 — João da Cruz, do Hockey Clube, 5-2; 3-0 — Herbert Santos, da Sala Carlos Gonçalves, 4-3, 12 toques; 4-0 — Dr. Arsenio Cordeiro, do Ginásio Clube, 4-3, 14 toques; 5-0 — D. José de Melo e Castro, da Sala Carlos Gonçalves, 3-4; 6-0 — D. António de Almeida, da mesma Sala, 2-5, 19/14 toques; 7-0 — Fernando Pereira, do Hockey Clube, 2-5, 19/13 toques; 8-0 — João da Penha e Costa, da Sala Carlos Gonçalves, 1-6.

O triunfo conquistado por Jorge Oom estava previsto, tão natural era. Assim, a sua bela vitória, que satisfaz todos quantos seguiram a prova, assenta justamente no atrador que maior categoria e melhores condições tinha para o pósto de campeão nacional de espada. Conduziu todos os assaltos com a calma e atenção que são seu apanágio. Só nos pareceu menos interessado, talvez por excessiva confiança, no encontro com Fernando Pereira, o que lhe ocasionou um «match» nulo. Bateu os seus mais difíceis adversários nitidamente — e o derradeiro assalto, sustentado com João da Cruz e que decidia a vitória no torneio, ganhou-o por margem folgada.

Jorge Oom, desportista brilhante em mais de uma modalidade, é neste momento o detentor dos campeonatos nacionais de florête, sabre e espada — «palmarés» que marca o seu valor. Endereçamos-lhe as nossas sinceras felicitações, que da mesma forma apresentámos ao Ginásio Clube e ao seu ilustre professor, o nosso estimado amigo capitão Campos de Andrade, cuja acção naquela sala de armas tem tido relevo invulgar.

João da Cruz, dedicado atrador do Hockey Clube, teve também no seu segundo lugar o justo prémio do esforço que tem desenvolvido. Embora menos seguro do que em épocas anteriores (preparação decerto menos activa, que se notou no abuso de flechas mal preparadas, precisamente quando este golpe é o forte do seu jogo) as vitórias conseguidas no torneio não deixaram sombra de dúvida quanto à sua superioridade na prancha sobre os finalistas que o seguiram na classificação.

Também merece ser sublinhada com simpatia a terceira posição de Herbert Santos. É um atrador de defensiva ainda pouco eficiente mas dotado de habilidade que, a ser cultivada como merece, lhe garante bom futuro no difícil desporto das armas.

Arsenio Cordeiro provou que continua a ser esgrimista de merecimento. Irregular na sequência dos seus assaltos, teve por isso combates nos quais se houve com superioridade técnica — mas em paralelo com outros inferiores. Fazemos votos para que mantenha a actividade a que voltou agora e continue assim a valorizar os torneios com a sua presença.

Melo e Castro, mantendo as habituais características das suas exhibições, não esteve em tarde inteiramente feliz. No entanto devemos anotar que havia demasiado optimismo da parte dos que, mesmo em número reduzido, anteviam a possibilidade da sua vitória neste campeonato. Trata-se de certo, de um atrador perigoso, com qualidades e com intuição invulgar, mas ainda sem a técnica e classicismo necessários.

D. António de Almeida, igualmente dentro da toada habitual, ficou um pouco à quem do que esperávamos. Como já sublinhou nestas colunas um nosso companheiro de trabalho, falta-lhe a velocidade necessária para o aproveitamento das suas vantajosas condições físicas.

Fernando Pereira, esta época talvez mais

DEPOIS da época grandiosa do apogeu, do melhor futebol, da Tuna e do Grupo Cénico, o popular Sport Lisboa e Elvas, delegação do Sport Lisboa e Benfica e, sem dúvida, o mais importante clube desportivo do Alentejo, atravessa agora a sua mais activa e prometedora fase, pois entrou em decidido resurgimento.

Prova-o a recente comemoração do seu 18.º aniversário, na qual mostrou as suas possibilidades, com torneios de futebol, «cross», atletismo, bilhar, «basket», ténis de mesa, etc., concluindo com uma brilhante sessão solene, para entrega dos prémios aos vencedores — trinta medalhas e duas taças — à qual presidiu o sr. dr. Manuel Silva, ilustre deputado da Nação, ladeado pelos srs. drs. Juiz de Direito e Delegado do Procurador da República, Presidente e Vice-Presidente da Câmara e outras individualidades.

Depois de vários anos de inacção, foi esta a maior e mais vibrante jornada desportiva presenciada pela cidade.

BIOGRAFIA

Fundado por três «carolas» do Benfica e nas condições em que começam todos os clubes de feição popular — com muita alma e pouco dinheiro... — o Sport Lisboa e Elvas, mercê do esforço de algumas direcções, chegou ao invejável lugar que ocupa na rede desportiva alentejana.

Possue ampla sede na principal artéria da cidade — a rua Pereira de Miranda — e conta no seu ordenado ficheiro cerca de 1.400 sócios. Com a recente campanha «do novo sócio», cujo êxito merece particular menção, obteve nada menos de quinhentos e tantos novos benfiquistas. Na rua Eusébio Nunes tem montado um amplo ginásio e anexa uma sala para treinos de equipa de ténis de mesa.

Guarda no seu gabinete de honra uma grande vitrina com cinqüenta e tantos troféus, ganhos em diversas modalidades desportivas, e a sua Comenda da Ordem de Benemerência, que lhe foi conferida, há anos, pelo governo da Nação. Uma vez resolvido a trabalhar, é um clube de recursos, marcando personalidade no meio.

UMA ENTREVISTA

Com um magnífico sol de primavera, fomos ao Castelo ouvir o presidente da direcção do Sport Lisboa e Elvas, sr. Américo Paiva. Como funcionário da Hidro-Eléctrica do Alto Alentejo, encontrámo-lo na cabina cujos serviços chefia. E foi sob uma tensão de trinta mil voltios e cercados por condutores dos mais variados diâmetros — que a conversa começou...

— Projectos? Que pensa fazer agora o Sport Lisboa e Elvas?...

— Insistir no trabalho. Foram mesmo os projectos que me levaram, e aos meus companheiros de direcção, à «cátedra» administrativa do S. L. E.

— Muito para fazer, não é verdade?

— Sim, de facto. Mas, para exemplo, algu-

seguro, não manteve na final aquela subtilidade de ponta que é a base do seu jogo. Das poucas vezes em que «sparou» nas linhas de sexta ou quarta foi batido pela insuficiência da acção.

Penha e Costa, que fechou a classificação, ficou de facto no pósto que lhe podia caber no conjunto dos finalistas. Isto não significa, porém, que deixe de ser um espadista cuja intuição não mereça ser cultivada, proporcionando-lhe a técnica que lhe falta.

AVELAR MACHADO

Sport Lisboa e Elvas

O mais importante clube desportivo do Alentejo

segundo Américo Paiva
— seu presidente

ma coisa fizemos já. De resto, você sabe que o clube esteve inactivo, desportivamente, durante três anos. A direcção anterior, eivada, contudo, de espírito de sacrifício, limitou-se a pôr as contas em dia, suorimindo o débito que lhe foi parar às mãos. Fêz alguma coisa, mas era pouco.

— Porém, a nova direcção?...

— Já deu uma idêia do que pode fazer. Realizou uma semana de números desportivos. Abriu mesmo o seu activo com um esperançoso desafio de futebol contra o Estremoz Futebol Clube, naquela cidade, em que o nosso onze de honra, em jgo de «experiência», empatou a duas bolas. Ganhamos coragem. Depois, já na semana do nosso aniversário, perdemos por 2-1, em futebol, com o sub-campeão do distrito de Portalegre. Ganhamos o «Torneio de Atletismo» disputado com o Desportivo Portalegrense, conquistando catorze medalhas e a bonita taça «Dr. Melo e Sousa». Perdemos por 5-4, com a equipa de «ténis de mesa» do Estremoz.

— Bons resultados...

— Muito bons, mesmo, se nos lembrarmos que tomámos conta do leme do clube apenas há quatro meses e após três anos de inactividade em quasi todas as secções.

— E agora?...

— Agora, seguimos trabalhando. Os próprios directores do Sport Lisboa e Elvas chamaram a si as várias secções desportivas e respectivas organizações. Assim, Joaquim Coelho, vice-presidente, tomou conta do futebol; José B. Lapa, 1.º secretário, cuida do ténis de mesa; Armando Santos, vogal, comanda o «basket»; Luís Simões, 2.º secretário, está em toda a parte; Daniel Bernardo e José Maria, colaboram com eficiência; e eu, finalmente, animo o atletismo.

— Tudo a postos!

— É o termo. Escrevemos na secretaria e tanchamos prunos e esticamos cordas no campo de jogos. É tudo feito por nós. Estenúdia mas faz-se. E só assim conseguimos trazer de novo o público e o clube ao terreno das práticas desportivas, auxiliando-nos moral e materialmente nas organizações que temos levado a cabo.

— Só por muito amor à causa...

— Sómente. Queremos provar que há possibilidades de fazer coisas; ponto é que nos compreendam...

— Parece que sim!

— O sr. presidente da Câmara, capitão Lopes Gonçalves, distinto professor de ginnástica, prometeu acudir ao nosso apêlo e cremos que vai mandar vedar o rectângulo de jogos e colocar novas balizas no muito preciso Estádio Municipal. É de inteira justiça. O campo não tem mau piso, mas é muito devassado, não está em esquadria e onera imenso as nossas organizações, em face do que temos de pagar ao Município.

— É preciso ter fé...

— Isso faremos. Não é em vão que digo ser o Sport Lisboa e Elvas o mais importante clube do Alentejo. Só nos falta um campo em harmonia com o nosso «tamanho» e com a nossa vontade. Não desanimamos. Parece-nos até que vivemos a melhor hora alentejana do desporto. Dirige o Benfica, nosso velho e glorioso patrono, o dr. Augusto da Fonseca, alentejano e antigo governador civil de Beja. É um carácter e um chefe! Dirige o Sporting Clube de Portugal a mocidade impetuosa do dr. Amado de Aguiar. É outro alentejano de mérito e outro amigo. São, por consequência, factos que nos animam e suavizam o trabalho produzido em prol da causa do desporto. Procurarei imitá-los, à testa deste pequeno Benfica elvensê se não me faltarem as forças pelo caminho nem se erguer na minha frente a barreira abrupta da ingratidão...



Os campeões com o seu professor, Andrés Schwarz

Stadium apresenta os campeões da "V Semana de Gimnástica"

O Ginásio Clube Português é uma colectividade de gloriosas tradições no campo das actividades gimnásticas. Desde o saudável mestre Luís Monteiro — patrono do clube e um dos mais devotados propagandistas da educação física em Portugal — até João Possolo e Walter Awata, passando por verdadeira legião de atletas, da antiga e da nova geração — quantas «figuras» não têm ilustrado a história da velha agremiação da rua Serpa Pinto?! E através dos seus saraus, das múltiplas organizações «gimnásticas» — todas elas de grande alcance e significado desportivo — muitos têm sido os atletas que enobreceram o nome da sempre progressiva colectividade, dignificando-a cada vez mais. E ultimamente as «Semanas de Gimnásticas» — de que há poucos dias ainda se fez a quinta edição — contribuíram para a melhor propaganda da cultura física, através de uma campanha bem orientada e de resultados profícuos. «Stadium», que acompanhou com o necessário carinho a «V Semana de Gimnásticas», dando-lhe o relêvo merecido, não podia ficar indiferente ao acontecimento — e por isso completa a reportagem daquela organização apresentando ao público os campeões: um homem, uma senhora e duas crianças, uma menina e um rapaz.

Estavam em actividade intensa os praticantes «gimnastas» — que na sala «Luís Monteiro» executavam os seus exercícios favoritos. A presidir a tudo, com uma dedicação louvável, o professor Andrés Schwarz. E obrigamos (nem podiam faltar!) os

(Continua na página 10)





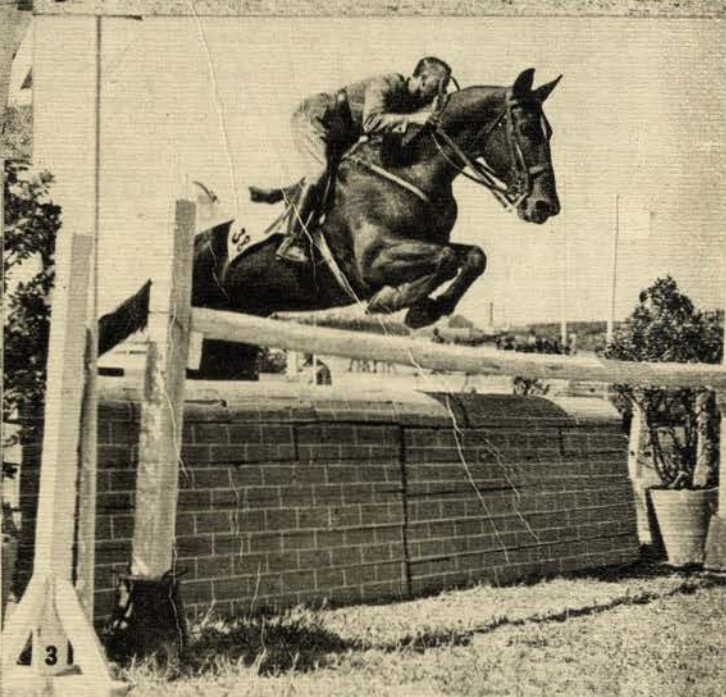
1



2



4



3

Concurso Hípico Internacional: 1 — Um belo salto do cavaleiro espanhol D. Angel Somalo; 2 — A equipa espanhola com Reimão Nogueira, seu oficial às ordens; 3 — Outro esplêndido salto, do tenente José Carvalhosa. **Atletismo:** Os concorrentes da 2.^a jornada dos campeonatos universitários. **Vela:** No campeonato nacional de "sharpies", — Uma vistosa largada, com um "star", em primeiro plano.



5

MANUEL DIAS

despediu-se do público portuense

O F. C. Gaia, florescente colectividade de âmbito rio, festejou há dias o seu 35.º aniversário com um programa atraente. Fizeram-se encontros de futebol e «hockey» em campo, em disputa de várias taças, competição amigável entre o clube em festa e o Sport Clube do Porto, Salgueiros, Boavista e Leça.

Do programa constava uma prova de 5.000 metros, em circuitos fechado, para a qual se apresentaram elementos do Gaia, Salgueiros — que tem um prometedor lote de corredores — Académico, Operário e Benfica, este representado pelo valeroso corredor olímpico Manuel Dias.

O resultado da prova é já conhecido: o popular atleta chegou em 3.º lugar.

Falámos com Manuel Dias pouco antes de se dirigir para o campo. Calmo, bem disposto, um sorriso nos lábios, respondeu prazenteiro às impertinências do jornalista.

Os seus 40 anos — ainda moços e robustos — são desmentidos pelas suas qualidades de atleta, que já defendeu as cores n.º clonais em terras de além fronteiras, ao lado dos melhores corredores de fundo do mundo inteiro.

Manuel Dias, cujo nome ficará imperecivelmente ligado ao desporto nacional, retira-se na hora própria, na ocasião, em que o seu nome é ainda um símbolo de dedicação pela causa desportiva.

Ao falarmos-lhe sobre a sua retirada definitiva disse-nos:

— Lá para Setembro, em Lisboa, entrarei pela última vez em provas. Guardarei os meus sapatos para nunca mais...

Um desses sapatos, mal apertado, serviu de pretexto para que não lhe pudéssemos ver no olhar o desgosto que é ver a sentir a reconhecer que é chegada a hora de descansar de tantos lauros, deixando aos vindouros uma lição de valor desportivo.

Ao pedirmos-lhe duas palavras para a «Stadium», como despedida dos campos e do povo do norte, Manuel Dias ditou:

— Ao efectuar as minhas despedidas do público do norte, nesta risonha vila de Gaia, não quero esquecer a maneira carinhosa e amável como tenho sido recebido na cidade do Porto. Guardo inesquecíveis recordações de todos os atletas nortenhos, entre os quais só conto amigos. É com saudade que parto, mas mantere vivas todas as manifestações de simpatia de que fui alvo por parte de dirigentes, atletas e jornalistas. A tanta amizade só poderei responder com o meu mais sincero «muito obrigado»!

É mais uma realidade que o tempo leva... Mas o seu sacrifício será recordado por todos aqueles que vibraram por Portugal fora, quando, em terras estranhas, Manuel Dias corria na defesa das cores nacionais, nessa memorável prova da Maratona nos Jogos Olímpicos de 1936.

FLOREANO BASTO

HAND-BALL

O campeonato de Portugal e os jogos inter-cidades

NÃO foi feliz a Associação de Hand-ball do Porto com a sua representação no Congresso. A última hora, injustificadamente, o delegado portuense, descurando o assunto que o levou à Federação, colocou em posição falsa a associação regional portuense. Desta maneira, sem a assistência da Associação do

(Continua na pág. 15)

As Corporações e o Desporto

DE entre tantas palavras ou frases que as necessidades de propaganda fizeram nascer no meio desportivo nacional, uma surgiu que não compreendemos ainda ou não atingimos totalmente na sua finalidade.

É a designação de «desporto corporativo». Eu pensei — simplicidade ou ingenuidade no caso — que desporto corporativo era uma forma de levar os diversos organismos económicos, sociais, recreativos, etc., a organizarem, entre os seus associados ou empregados grupos de prática antes das diversas modalidades, com o único fim de lhes proporcionar umas horas de contacto com a vida ao ar livre, de estreitar relações, de realizar, praticamente, um intercâmbio de valores vantajoso.

E assim pensei que esses grupos ou secções desportivas seriam constituídos por elementos que até então não houvessem praticado qualquer modalidade desportiva ou então, que a deixassem de praticar em clubes propriamente desportivos por motivos diversos.

Mas pelo que tenho presenciado e lido, chego à conclusão de que assim não é, pois não é raro ver-se nesses grupos corporativos quais que turmas inteiras de jogadores pertencentes a determinados clubes praticantes de desporto, o que, certamente, não representa finalidade que se deseja atingir no chamado «desporto corporativo».

Discordo inteiramente de tal processo. Mais, é inteiramente anti-desportivo!

Por quê? A pergunta responde-se com outra: para que se servirá o desporto corporativo nessas condições, se representa, nada mais nada menos, a repetição de um campeonato?

Não! Assim não está certo.

Desporto corporativo, sim. Mas com praticantes não filiados em clubes que disputam os torneios das associações dirigentes das modalidades. Tenho ouvido de pessoas categorizadas opinião a este respeito. Todas elas têm responsabilidades no nosso meio desportivo — e lêem pela mesma cartilha que eu leio: faça-se corporativismo desportivo, mas com gente extraída dos clubes com elementos novos, com jogadores retintamente amadores, que joguem por prazer.

GIMNÁSTICA OBRIGATÓRIA

SUGERIU-NOS este comentário a circular dimanada da A. F. P., que, datada de 2 do corrente, foi distribuída pelos clubes filiados neste organismo.

Um dos requisitos indispensáveis para o Campeonato Popular de Futebol, a organizar por determinação superior, isto é, uma das condições base para a inscrição nesse torneio, era a existência de cursos de ginástica nos clubes concorrentes a essa prova.

Assim deve ser. De facto, não se concebe a prática de desportos sem a devida preparação atlética, a qual se baseia — como é óbvio — na ginástica racional, convenientemente orientada e adaptada.

Os exercícios ginásticos, a par da constante e metódica observação clínica, devem ser, actualmente, condição indispensável a exigir de todos os praticantes de qualquer modalidade desportiva.

Pelo que se lê, está essa fórmula sendo posta em prioridade para quem pretenda fazer futebol. É uma orientação sábia e uma exigência a aceitar por todos aqueles que desejam que os desportos cumpram a sua finalidade de revigoramento das gentes portuguesas.

Registamos com prazer essa deliberação do organismo centralizador dos desportos futebolísticos do distrito, o que prova que se entra no caminho são e criterioso. Bom será que

SE o jornalista não é coisa fácil. Portanto, não o é quem quer. É preciso dispor de determinadas qualidades, como sejam: espírito de observação, compreensão larga e rápida, facilidade de assimilação, inteireza de carácter, honestidade, sinceridade, conhecimentos indispensáveis de ordem geral ou especial, conforme os casos, e personalidade, critério, ponderação e dinamismo.

Estes são ou devem ser os requisitos indispensáveis ao jornalista, sem esquecer aquela espécie de intuição que distingue os verdadeiros trabalhadores da Imprensa.

Um bom jornalista nasce já com essa inclinação, como o matemático, o investigador, o cientista a sentem desde novos.

Não quer isto dizer que o jornalista deva ser um licenciado, um literato, um doutor. Não! Por vezes, as grandes licenciaturas não indicam o estofado do jornalista, muito embora a soma de conhecimentos adquiridos tenha influência no valor, na formação do jornalista nato. Quanto mais apertado este estiver, mais depressa e melhor triunfará nesta actividade.

O que se pretende dizer é que a carreira da Imprensa está aberta a todos, desde que reúnam o número de requisitos indispensáveis. Se isto é assim, de maneira geral, para o jornalismo desportivo acresce ainda a necessidade do conhecimento especial das modalidades sobre as quais escreve, do ambiente em que as mesmas se desenvolvem, dos defeitos e das virtudes que as adornam, e, fundamentalmente, de imparcialidade integérrima, absoluta e firme.

Contam-se no jornalismo desportivo portugueses nomes de grande valia, que emparceiram e ombrearam com os melhores do país, personalidades às quais os desportos muito devem, através de críticas criteriosas, de comentários serenos e bem observados.

São elementos que brilham, individuais, e des que se impuseram como praticantes e como dirigentes ou propagandistas, com responsabilidades no meio desportivo, que abraçaram ainda jovens, mas aos quais a idade não tira as qualidades de trabalho tenaz, convincente e de larga projecção presente e futura.

Outros lhe sucederam na mesma ideia sublime, outros vieram a emprestar à causa desportiva a sua mocidade, a sua juventude, o seu entusiasmo como força nova a lançar-se ao assalto para a vitória.

Uns e outros vieram atraídos pela mesma luz, pelo mesmo facho brilhante, pela mesma aura de progresso — novo catecismo de uma raça que quer viver mais e melhor, que se re respirar o ar puro a longos haustos — por esse ideal desportivo pelo qual remam, nadam, correm, saltam e jogam em despiques fraternal.

São os escritores de uma época que fica a firmar um momento solene da vida dos povos.

São eles que nos deixam escritas essas páginas sublimes de orgulho nacional, quando das embaixadas desportivas além fronteiras, tardes que não esquecem, deixando impressas na História dos desportos o nome sagrado da nossa terra.

Estes são os bons, aqueles que sabem o que querem, como querem e porque querem.

MÁRIO AFONSO

essa medida se torne extensiva a todas as restantes modalidades.

Não se aceita nem compreende a ideia da prática de desportos sem a conveniente preparação, com vista a dotar os praticantes da robustez e compleição física indispensáveis.

O que resta agora é pouco. E esse pouco cifra-se na vigilância aturada dos cursos de ginástica dos clubes, por forma a que passem do papel ou do idealismo para o campo das realidades. Temos a certeza de que se usará de todo o subterfúgio para se extinguirem — os praticantes — à prática de tão salutar medida. É, pois, de aconselhar a fiscalização rigorosa dos centros de ginástica clubistas, de forma a forçar os atletas ao cumprimento integral da medida a que nos referimos.

Um campeonato para o Benfica

ESTÁ concluído o campeonato feminino de Lisboa, por equipas. A vitória, como em 1941-42, pertenceu ao Benfica, um clube que, no ténis de mesa, dispõe de apreciado conjunto de valores, colecionando títulos.

Sem adversárias à altura, as jogadoras «encarnadas» não tiveram dificuldades em firmar superioridade: seis encontros — seis vitórias, com o impressionante «score» de 30-1. Ninguém ousará duvidar do mérito deste triunfo, mas o que todos lamentaram é que o «team» campeão não pudesse ter valorizado a sua actuação, por falta de adversárias da sua qualidade.

Admitiu-se ao princípio que a competição tivesse interesse, quanto mais não fosse pela perspectiva de uma luta Benfica - Sporting. Mas as «leões» desistiram e o Benfica ficou só em campo, com o título à sua mercê.

A crise do ténis de mesa feminino é uma triste realidade. Escasseiam as jogadoras e, implicitamente, o nível técnico do jogo é inferior. Impõe-se, portanto, trabalhar com afinco a modalidade entre as raparigas, para que não se perca o muito que se fez.

A competição incluiu 12 encontros. Eis os seus resultados:

	1.ª volta	2.ª volta
Benfica-Penha	5-0	5-0
Benfica-Gimnásio	5-1	5-0
Benfica-Ferrovário	5-1	5-0
Gimnásio-Penha	5-2	2-5
Ferrovário-Penha	5-1	5-0
Ferrovário-Gimnásio	5-0	5-1

O Benfica totalizou 18 pontos, o Ferrovário, 14, e o Gimnásio Feminino e o Sporting da Penha ficaram em igualdade, ambos com 8 pontos. E assim se obteve uma classificação em harmonia com as possibilidades de cada equipa.

O «team» campeão foi constituído por Albertina Figueiredo, Enita Correia e Maria Silvina, esta fornecendo a revelação da temporada pelos nítidos progressos.

Lisboa em evidência

O ténis de mesa esteve integrado nas «Jornadas de Propaganda Desportiva» de iniciativa do «Diário de Notícias». E de que maneira? Da melhor, incontestavelmente.

Optou-se pela realização de encontros inter-regionais e satisfêz-se, assim, uma das aspirações dos simpatizantes da modalidade.

Durante algum tempo deve ter-se pensado, erradamente, que a superioridade de Lisboa tiraria todo o interesse a qualquer encontro entre outras regiões e a capital. Receava-se um fracasso financeiro (esta é que é a verdade) e os lisboetas só devido a um ou outro convite particular se exibiam fora de Lisboa.

Surgiu uma oportunidade. A equipa da A. T. M. L. foi deabalada para o norte do país e fez sucessivamente os três seguintes resultados:

Contra o Porto	5-3
Contra Braga	5-0
Contra Coimbra	5-2

O «team» salu confiante e regressou vitorioso. Os três desfechos apontados harmonizam-se com as possibilidades das três selecções que Lisboa defrontou.

A superioridade de Lisboa mantém-se. Mas os jogadores das três cidades acusaram nitidamente progressos, dando réplica convida à melhor classe dos lisboetas.

Isto deve ter deixado contentes os de Lisboa e os nortenhos.

Quatro nomes para a história da modalidade: Oliveira Ramos, Carlos Feio, Joaquim Cardoso e Gomes da Silva.

A vitória de um campeão

O final da temporada adivinha-se para breve. Quasi pode dizer-se que a época fechou na última quinta-feira com a disputa da Taça

Exame geral — O que há feito e o que resta para fazer

pelo dr. Salazar Carreira

COUBE ao Clube de Futebol «Os Belenenses» a iniciativa de inaugurar a temporada de pista com o torneio incluído no programa da sua «Semana Desportiva» e ao qual concorreram todos os clubes praticantes da modalidade, com excepção do Sport Lisboa e Benfica.

O principal interesse da competição, levando em conta a impossibilidade de boa forma dos seniores chamados a campo, incidia sobre as provas reservadas a estreantes — e nelas alcançou o Sporting, que veio a ser o triunfador na classificação geral, um êxito absoluto.

Foram, com efeito, homens seus os vencedores das três provas: Fernando Araújo, nos 60 metros; Faustino Guerreiro, no salto em altura; e Álvaro Dias, no salto em comprimento. Este último creditou-se da melhor marca do torneio, alcançando os seus habituais 6,40.

A jornada de domingo foi ocupada pelos campeonatos universitários, este ano muito mais concorridos e animados, cujo comentário reservamos para a próxima crónica. Embora se registre progresso, devido sobretudo ao entusiasmo e empenhamento dos rapazes do I. N. E. F., estamos bastante longe dos antigos tempos, quando as competições entre estudantes reuniam o escol do atletismo português e equivaliam quasi a uma espécie de ensaio geral dos campeonatos nacionais.

O torneio de 1943 celebrou-se, parece-nos, demasiado tarde; em período de exames finais, que sobrecarregam de trabalho os alunos das Faculdades e Institutos, o valor atlético deve estar diminuído pelo esforço mental e grande número de possíveis participantes nem sequer poderão apresentar-se.

A primeira quinzena de Maio é a ocasião mais propícia para organização de provas entre académicos.

A actividade clubista entra em seguida em acção, começando pelos estreantes para avançar, de domingo em domingo, para as categorias superiores. Palpita-nos que vamos ter bom recrutamento para a modalidade, tanto em número como em qualidade; os clubes mos-

tram interesse e têm cuidado com persistência e carinho da preparação dos novos, apurando-lhes o merecimento em sucessivas competições internas.

A situação do atletismo mantém-se, aliás, com as mesmas características rotineiras de sempre e o que se progride ou desenvolve é obra exclusiva das agremiações desportivas, construída com os seus próprios recursos e aprovada depois pelos organismos superiores.

O quadro que desenhámos não tem o aspecto dum libelo acusatório; pretende apenas ser a interpretação desassomburada dos factos, sem censuras para ninguém, mas fugindo à toada habitual dos elogios interessados e inconsistentes.

Os organismos dirigentes do atletismo reúnem a sua acção ao estabelecimento de um calendário mais ou menos copioso (depende da fatura do auto-encômio no relatório de fim de gerência) que depois, pelo ano adiante, se esforçam por cumprir de maneira escrupulosa.

Satisfazem assim o desejo de actividade dos praticantes e favorecem a propaganda das práticas atléticas junto do público da sua zona de influência.

Alciam-se, porém — não queremos averiguar por quê e deixámos a cada um o cuidado de responder às diversas hipóteses formuláveis — do estímulo ao aperfeiçoamento técnico, da expansão para novas regiões, da preparação de instrutores ou da divulgação dos métodos de treino e ensino.

Consideramos todos estes pontos verdadeiramente fundamentais; o atletismo, enquanto for praticado apenas por meia dúzia de clubes em Lisboa, no Porto, Braga, Coimbra, Barreiro e nada mais, não pode alcançar incremento que mereça o nome de nacional.

A ausência de pistas não é obstáculo à sua expansão, mas é grande embaraço para o seu progresso técnico; mas também não é suficiente chamar aos quatro ventos, em ar sentencioso, que as pistas fazem falta e os clubes deviam ser «obrigados» a incluí-las nas suas instalações.

Afirmar dogmáticamente não tem resultados práticos; é necessário dizer e justificar. Os clubes são «obrigados», mas como? E com que direitos?

Quem queira obrigar deve fornecer primeiro os recursos para execução ou apresentar convenientemente estudada a solução prática para a obrigatoriedade imposta.

Respondam os dirigentes dos clubes praticantes por que não instalam ou não cuidam das suas pistas.

O problema da expansão do atletismo pela província é também, na essência, um caso financeiro; a razão que impede a construção de pistas é a mesma que não consente digressões de propaganda. Alvitramos a colaboração da «Mocidade Portuguesa» como agente de fomento, ao qual a organização clubista poderia retribuir o serviço com uma assistência técnica cuja necessidade se tem patenteado evidente.

Ficaria ainda para resolver a educação técnica de instrutores; existe o exemplo prático da tentativa que organizámos na F. N. A. T. e cujos resultados podemos já considerar amplamente satisfatórios.

Não pode haver atletismo aperfeiçoado sem treinadores competentes para o seu ensino. A corrida, os saltos, os lançamentos, são exercícios cientificamente determinados, de impossível auto-didatismo e cujo conhecimento perfeito exige grande soma de elementos teóricos, a-par-de experiência comprovada.

Preparar instrutores, eis a missão mais urgente dos organismos orientadores; mas também a mais complicada, porque não prepara quem quer, mas sim quem sabe.

Por isso os projectos ainda não passaram de projectos.



**BICICLETA
FLECHA**

e que todos
preferem

«A ILUMINANTE»

Avenida Almirante Reis, 6
L I S B O A

de Honra, uma prova inédita no calendário da A. T. M. L.

A competição tem condições de agrado, mas, desta vez, ressentiu-se do adiantado da época. A presença dos campeões do Porto e Coimbra despertou interesse, porque nos encontros inter-regionais eles souberam afirmar claramente o seu valor.

O portuense Jorge Meireles foi mais feliz do que o coimbricense dr. António Perestrelo. Os sete lisboetas exibiram-se dentro das suas possibilidades, sobressaindo o campeão de Lisboa, Fernando Oliveira Ramos, do Benfica, que venceu todos os adversários de modo convincente e brilhante.

TEE-TEE

Assine a Revista «Stadium»
3 meses Esc. 19450 6 meses Esc. 39400
12 meses Esc. 78400



Como se impede a marcação de um "goal"...

Benfica e Vitória de Setúbal finalistas da Taça de Portugal



Expressiva fase da luta entre o ataque do Sporting e a defesa do Benfica



Gaspar Pinto vai cortar uma fuga de Mourão



Cinco jogadores — cinco belas atitudes! Azevedo ganha na luta com o habilidoso Pires



Uma boa entrada de Naneu Marques



Martins segura com oportunidade um momento de Benfica



Azevedo defende a sóco e volta

GIMNÁSIO CLUBE PORTUGUÊS Os cavaleiros portugueses

(Conclusão da página 4)

quatro campeões: Severino de Melo, Laura de Oliveira, Maria Angelina e o pequeno Manuel Tavaras. Todos eles são discípulos que fazem honra ao mestre — como os outros que não são campeões, como todos, afinal...

Severino de Melo é um atleta, na acepção da palavra. E também já não é, positivamente, uma criança — pois está na idade em que muitos preferem o sossego ao bulício das coisas do desporto! Tem 34 anos — mas parece um jovem, tal o seu interesse pelos exercícios físicos. Uma novidade: Severino, filho de portugueses, não é português... Nasceu em New-Bedford, nos Estados Unidos da América — e é cidadão americano! Por isso mesmo não pôde acompanhar os seus colegas a Madrid, quando em Março último a equipa do Gimnásio foi à capital de Espanha, porque o cônsul do seu país não lho permitiu. Mas Severino é português pelo coração. A ginástica é o seu exercício predilecto. Não teve nunca outro professor além de Andrés Schwarz. E foi sempre «gimnasta» — um título de fidelidade e um orgulho para o clube. Pratica a ginástica desde 1937 — e antes disso dedicava-se ao levantamento de pesos e alibres. Mas sem carácter de competição! Apenas para recreio... Tomou parte em três concursos — e foi campeão pela primeira vez! Em 1942 obteve o terceiro lugar e no ano seguinte subiu um degrau na classificação: foi 2.º. Este ano: campeão! Tem subido gradualmente, como se vê...

— A ginástica é o único exercício que me interessa e distrai. Tenho colhido os melhores resultados da sua prática — disse-nos. O professor Schwarz é excelente mestre e bom amigo. Da realmente gosto trabalhar com ele — e eu sinto-me bem, à vontade, quando «executo» sob as suas ordens. Trabalharei por aperfeiçoar-me, pois na ginástica aprende-se sempre, sobretudo quando se quer ser «alguém» na alta ginástica...

Poucas raparigas praticantes do desporto podem orgulhar-se de um progresso tão rápido como Laura de Oliveira, 22 anos muito bem aproveitadas, acreditem, pois esta atleta «gimnasta» é das que melhor partido têm sabido tirar da cultura física. Principiou em 1939 — e nesse mesmo ano foi campeã de ginástica olímpica — um título excelente para uma estreante... No ano seguinte classificou-se, porém, em segundo lugar! Mas nem por isso esmoreceu o seu ânimo — antes pelo contrário. E tanto confiou que no último concurso voltou a conquistar os louros da vitória. Além da ginástica — Laura de Oliveira, uma simpática de rapariga, pratica ainda a patinagem, a natação e a velocidade. É, portanto, uma senhora moderna — com por cento moderna...

— Adoro fazer ginástica. Trás inúmeras vantagens — e todas são as raparigas que não compreendem assim! Dá-nos saúde, agilidade, correcção de formas e de ritmo, boa disposição permanente, enfim, um carácter social e perfeito domínio dos nervos! É erro supor-se que a cultu-

ra física masculiniza a mulher! É erro grande e grave — porque a ginástica ajuda a temperar os nervos e dá-nos alegria e flexibilidade e correcção de formas. Andrés Schwarz é um esplêndido professor. As várias modalidades que nos ensina — ginástica rítmica e educativa, massas indianas, exercícios com arcos e com bolas, danças húngaras, paralelas e saltos em cavalo de arção, de plinto e no «book» — são utilíssimas em todos os aspectos. Sinto-me bem no Gimnásio, que é um instituto modelar de educação física. Foi também com muita satisfação que trabalhei ultimamente em Madrid — com satisfação e alegria, minha e das minhas companheiras que comigo tiveram essa honra.

Maria Angelina Vaz Guerra é uma azougada garota de 13 anos — cheias de vivacidade e de comunicativa alegria. Pratica a ginástica há cinco anos — com Schwarz — e antes disso com Machado da Silva, então professor das classes infantis.

Faz também, mas por entretenimento, patinagem e natação. Tem-se exibido em vários saraus e foi ao Porto integrada numa classe do G. . P. Em 1942 ficou em segundo lugar nos concursos da «Semana». E agora foi mais longe! Ganhou — e ganhou bem, com mérito absoluto.

— Gosto imenso do desporto, especialmente da ginástica. Adoro-a. E sinto que me faz bem, muitíssimo bem. Por isso mesmo continuarei a trabalhar, cada vez com mais vontade, para tornar-me perfeita neste género de desporto.

!! Se fiquei contente com o título de campeã?! Nem se pergunta; e compreende-se perfeitamente! Foi uma alegria quanto soube que tinha ganho — o primeiro «grande momento» da minha vida...

Por último cá estamos às voltas com o Manuelito! É um petit engraçadíssimo — este Manuel Duarte Tavaras. Tem 9 anos — mas parece já um «homensinho», tal a gravidade de que se reveste quanto executa os exercícios ginmásticos da sua especialidade! É um ginmasta em embrião — que começou aos quatro anos, na idade em que muitos meninos ainda pensam um soldadinho de chumbo e bolas de borraça... Mas as «brincadeiras» predilectas deste garoto são a barra e os espaldares! Honra lhe seja... Em 1942 ficou em segundo lugar — e agora: campeão! Este campeão de 9 anos, diz-nos, «importante», como convem na emergência:

— A ginástica é o meu exercício favorito. Gosto «disto»... a valer! E gosto também do mestre Schwarz e do Gimnásio — gosto de tudo, afinal!

Assim falou o nosso campeãozinho — um petit que encanta quantos o vêem trabalhar, com uma seriedade e uma perfeição que envergonhariam muitos ginmastas «feitos»... E aqui acaba esta reportagem — de apresentação dos vencedores dos concursos da «5.ª Semana de Ginásticas».

JORGE MONTEIRO

exibiram-se brilhantemente em Madrid honrando as tradições do nosso hipismo

NÃO podem restar dúvidas de que o hipismo é um dos desportos que em Portugal tem as mais honrosas tradições. Após alguns anos de afastamento de pugnas internacionais, os portugueses foram, novamente, convidados a exibirem-se em Madrid. Uma equipa chefiada pelo coronel José Mousinho de Albuquerque e constituída pelos capitães Correia Barrento e Pascoal Rodrigues, tenentes José Carvalhosa e Reimão Nogueira e alferes Henrique Calado, representou a nossa cavalaria no importante certame.

A sua tarefa apresentava-se difícil: os adversários — sabia-se de antemão — estavam bem preparados, bem montados e os percursos eram duros, senão pela natureza dos obstáculos, pelo menos pela extensão.

Com o brio que é apanágio da cavalaria portuguesa, com a confiança que nunca os abandonou, os oficiais que formavam a nossa equipa souberam vencer todas as dificuldades e lutar com a adversidade que sempre os acompanhou.

Os espanhóis temeram-nos desde o primeiro dia e quiseram defender-se...

Isso não impediu, porém, que os portugueses regressassem à sua terra com um «palmarés» valioso, no qual avultaram três primeiros lugares. Não seria legítimo exigir-se mais.

Os cinco nomes atrás apontados ficam para a história do nosso hipismo como dignos continuadores da obra de Mousinho de Albuquerque, Ivens Ferraz, José Beltrão e tantos outros que, de momento, não lembram.

As aptidões dos portugueses para a cavalaria ficaram mais uma vez demonstradas. Pudessem eles dispor de melhores montadas, como os seus adversários de Madrid, e ver-se-ia então do que eram capazes.

José Carvalhosa e Correia Barrento foram as figuras mais salientes da equipa, independentemente de terem sido os que alcançaram as mais brilhantes classificações.

A seguir podem apontar-se Reimão Nogueira e Henrique Calado. Depois Pascoal Rodrigues, o mais perseguido pelo azar.

Das montadas, «Desejado» foi o que maior soma de prémios ganhou e — note-se bem — era este o animal que seguiu como reserva. «Raso», «Fossette» e «Palo» tiveram comportamento meritório e o próprio «Abañõ», surgido em 1943, revelou-se aproveitável.

É curioso notar que nas oito provas de que participaram, os portugueses classificaram-se sempre. Trinta e duas vezes os seus nomes figuraram entre os premiados.

A actividade campista espalha-se já por todo o país de forma a garantir o maior desenvolvimento no futuro.

No decorrer das épocas próprias para a prática do campismo, mais se acentua o entusiasmo pelo belo desporto e novos adeptos surgem, animando os grupos de campismo, que constituem bons elementos de propaganda da modalidade.

O Pôrto, que auxilia com o maior interesse toda a campanha a favor do útil desporto, tem já em actividade alguns grupos, aos quais se devem boas iniciativas e dedicada colaboração na propaganda do campismo. Destaca-se a acção magnífica do Camping Clube do Pôrto, de que nos fala o seu fundador e presidente da direcção, sr. Manuel Magalhães Ferreira.

— O Grupo ao qual tenho a honra de presidir — diz-nos o dedicado campista português — foi fundado por mim e mais dois adeptos, os srs. A. Ferreira Borges e José Antunes, em

CAMPING CLUBE

DO PÔRTO

Outubro de 1941. Eu, com o entusiasmo que adquiri quando pratiquei campismo no C. N. E. e os meus colegas como admiradores e entusiastas do salutar desporto, criamos o nosso grupo para propaganda e p. dermo! especializar-nos na modalidade. E a propaganda que fazemos consiste especialmente em levar aos nossos «fins de semana» e às nossas excursões os amigos e todos aqueles que mostrem interesse em experimentar esta bela vida desportiva em contacto com a natureza.

«Na nossa actividade podemos mencionar principalmente o nosso «campo-geral» de 20

de Junho de 1942 e diversas «saídas» dos sócios para «fins de semana», excursões e a nossa colaboração na primeira «Aldeia Campista» organizada na Escócia (Douro), em Julho do ano passado. O nosso clube organizou ainda no Bicho (Trofa-Minho) um campo de férias, que teve grande concorrência de campistas.

«Fez-se bastante ciclo-turismo em Sete nbro e Outubro últimos, levando sempre à frente da nossa cavalaria a jovem campista Maria Alberta Matos.

«A par do campismo, a nossa actividade desportiva reduz-se somente à natação e ciclismo. A natação é praticada por geralmente acampamos perto dos rios.

«Na época passada praticamos o campismo-fixo e o ciclo-turismo. Na que decorre entrará em acção o campismo volante e o náutico.

— E sobre o campismo português?
— O campismo no Pôrto é ainda um desporto pouco conhecido, e este povo nortenho — a

BENFICA OU VITÓRIA?!

12 Qual dêles será o vencedor da «Taça de Portugal» — última competição de futebol da época?!

...domingo, nas Salésias, teremos a resposta...

NA penúltima etapa da «Taça de Portugal» — a prova de encerramento oficial da temporada de futebol — registaram-se as vitórias dos campeões nacionais e do terceiro classificado no campeonato de Setúbal. Por outras palavras — foram derrotados os campeões de Lisboa e Porto...

Apontem-se resultados, única «coisa» que interessa para a história do torneio:

Sporting-Benfica 2-3
Vitória-F. C. do Porto 7-0

Em resumo: os «leões», defrontando os seus rivais de sempre, deixaram-se e bater, no seu próprio campo; e o Vitória, que já derrotara o Leixões por 2-1 e o Barreirense por 2-0, conquistou um triunfo rotundo e com ele o direito de figurar na «finalíssima», onde esteve já em 1927, perdendo então com o Belenenses (0-3) depois de haver ganho o campeonato de Lisboa.

Estava escrito...

Era certa a presença na «final» de um «team» de Lisboa: Benfica ou Sporting. Mas estava escrito que fôsse o primeiro! E que o Sporting — com os interiores que apresentou: Ermitério e Daniel — nunca poderia ganhar o jogo! E o Benfica voltou a impôr-se, como já havia sucedido no «desafio decisivo» do campeonato nacional, naquela memorável partida do Campo Grande em que apareceu, em toda a sua pujança, a «malor vontade» dos encarnados. Tal como então aconteceu, o Benfica voltou a triunfar com mérito absoluto.

O resultado aceita-se sem rebuço. Porque os campeões nacionais estiveram sempre a ganhar — e das duas vezes em que viram o Sporting empatar não perderam a «crença», voltando acto contínuo à liça. E quando desempatarem a última vez souberam suportar o «pêso do jogo» do adversário, impondo a «sua» vontade. É realmente assim que se ganham desafios.

Ao Sporting faltou tenacidade e seqüência no ataque. Se as tivesse tido, talvez que o resultado se modificasse. Mas os «leões» pecaram — sempre! — precisamente por isso...

Partida «em cheio»

O sol abraçador não inquietou os jogadores — que não pouparam energias, lutando com estoicismo, e, por vezes e a espaços, com desembaraço. Foi um jogo viril, energético, plebiscitário de entusiasmo — que «queimou» os nervos dos executantes e dos assistentes. Uma verdadeira partida de futebol — com interesse crescente, à medida que o tempo decorria e o fecho se aproximava.

As linhas avançadas afadigaram-se, distinguindo-se Pires — o mais activo dos dez elementos em campo — Julinho e Peyroteo, cada qual com sua «feiçoa», mas ambos com evidente personalidade. Houve, contudo, uma figura grande no desafio — e essa foi a de Francisco Ferreira, um portento de energia,

que me honro de pertencer... — sorri pouco convencido ao «ver» um campista. Mas estou certo de que isso acabará.

Quando se efectuou a primeira «Aldeia Campista», os nossos amigos de Lisboa, que vieram proposadamente tomar parte no acampamento provocaram uma grande reacção. Justo é destacar o espírito empreendedor do maior campista do norte, o sr. F. Nobre Júnior, pelo valioso auxílio que tem dado a este desporto.

«Em Portugal, estou seguro, será o campismo um desporto de brilhante futuro, porque a Natureza dotou-nos com um parque campista maravilhoso: o nosso País!»

F. S.

um jogador que enche sempre o campo, comunicando entusiasmo aos companheiros e ao público e irradiando alegria — por si e para os outros. A vitória, na jornada, foi dele; e ele «deu-a», positivamente, ao seu clube.

Albino — que reapareceu depois do jogo de Coimbra e se manteve no terreno com a vontade de um verdadeiro atleta — Alcobia, Gaspar e Martins foram, também, excelentes artífices do triunfo benficcófilo.

Da banda do Sporting, os melhores foram: Canário (talvez mais útil a interior do que a «half», mas em qualquer circunstância sempre útil ao «team»), Azevedo, Marques e Lourenço — o último a revelação da época no Sporting.

Dois bons «goals»

Marcaram-se cinco tentos, mas somente dois foram realmente apreciáveis: o primeiro, de Pires, e o segundo do Benfica, de Teixeira — ambos em jogadas idênticas partidas de Julinho. O ponto de Peyroteo (primeiro empate) deveu-se a uma insistência de Canário; e o segundo empate «nasceu» de um «penalty»... de compensação a falta idêntica deixada «em claro» momentos antes!...

Feições distintas

Ninguém, decerto, esperaria — nem mesmo os próprios jogadores setubalenses! — que o Vitória viesse a triunfar de maneira tão estrondosa sobre o campeão do Porto. Mesmo atendendo à crise por que o F. C. P. ora passa — era de crer que o terceiro classificado do campeonato de Setúbal fosse capaz de eliminar um clube de tão gloriosas tradições na «Taça».

12 A que atribuir a derrota dos portuenses, quando ainda há poucos dias haviam ganho, em Setúbal, ao mesmo Vitória, por seis «goals» sem resposta? A um pormenor simplicíssimo, afinal: — falta de rapidez em relação ao jogo «imposto» pelo adversário e de ânimo para suportar as contrariedades da luta. Em síntese: enquanto os vitorianos batalharam sem mostras de fadiga — mesmo com a certeza de um triunfo «grande», que os levasse à «finalíssima» — os portuenses nem sequer souberam batalhar...

Que, em verdade, o Vitória não deu um momento de tréguas aos campeões do Porto — e marcou os quatro primeiros «goals» em menos de vinte minutos e o quinto na primeira avançada da segunda parte! Isso teve, realmente, a sua influência no espírito dos portuenses, «quebrando-lhes» quaisquer veleidades de procura de melhor resultado.

Mas 0-7 é realmente muito — tanto para o Porto como para o Vitória. Enfim: um «score» histórico, de glória para os vitorianos e de amargura para os portuenses.

E agora espere-se pelo embate Benfica-Vitória, que pela primeira vez vão defrontar-se no relvado do Belenenses. Quem vencerá? Eis o «problema»... Vai assistir-se ao ressurgimento de Setúbal — ou Lisboa marcará, como lhe compete, o seu lugar de primazia no futebol nacional?!

JORGE MONTEIRO

Um agradecimento do Olhanense

Da direcção do Sporting Clube Olhanense recebemos um amável officio de «profundo reconhecimento pela forma criteriosa como foi sempre feita a apreciação ao procedimento do seu grupo de honras. Regista-se a gentileza, garantindo que o Sp. Olhanense pode contar sempre com a «Stadium», revista de todos e para todos.

TÊNIS

Momento difícil para a modalidade — Organizações particulares — O entusiasmo do Coimbra e Faro

HÁ desportos que, entre nós, parecem destinados a nunca «levantar cabeça» — empregando a expressão popular tão conhecida. Pois o ténis é um deles.

Um conjunto de circunstâncias fazia acreditar que a modalidade abandonaria de vez o marasmio em que vivera largos anos e que melhosos dias lhe estavam destinados. Queremos referir-nos ao «aparecimento» de novos e esperançosos jogadores, como Prata Dias, Azevedo Gomes, Carlos Costa, Jílio B. stos, Silva Santos, Marques Rosa, Jaime Quintana, José da Silva, Fernando Prade, Duarte de Orey e outros que de momento não ocorrem; à presença, entre nós, do competente professor que é Mr. W. Douglas; à espontânea colaboração da federação espanhola, facilitando um proveitoso intercâmbio; e, finalmente, à melhor regularidade das competições.

Foi precisamente quando novos horizontes se abriam a este desporto que os efeitos da situação anormal que atravessamos se começaram a fazer sentir mais notadamente. É inegável que o ténis foi das modalidades mais atingidas. Simultaneamente, as bolas ficaram rareando e aumentando de preço. E, como as bolas, as raquetes, podendo dizer-se que a prática do ténis está proibida...

Esta maneira se justifica a falta de provas e as dificuldades com que os dirigentes se deba-

(Conclue na pág. 14)

O desporto em Beja

É difícil formar uma idéa segura do valor actual de qualquer núcleo desportivo por uma simples visita, ou por análise rápida aos seus aspectos exteriores. Observando a actividade do distrito de Beja relativamente a futebol, no último campeonato e à respectiva série do campeonato nacional da II Divisão, seria de supor que o futebol está, ali, um tanto em crise. Visitada, porém, a cidade, parece que assim não deve ser.

A Associação de Futebol de Beja tem sede privativa numa das melhores praças da antiga capital do Baixo Alentejo. Os seus três melhores clubes — Luso Sporting, Despertar e União Sport — têm tamém sede. E o Luso Sporting dispõe de um campo, por sinal em zona para onde a cidade tende a alargar-se. A existência da sede é em geral prova de regulares condições de vida.

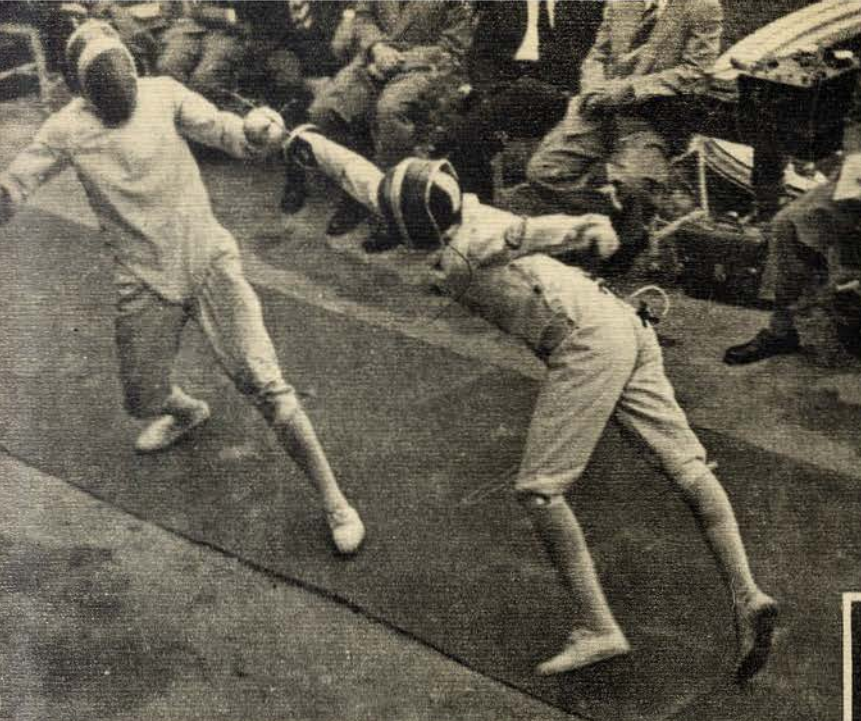
Mostra-se o Luso empenhado em animar este final de época com a realização de jogos de certo cartaz. No domingo passado defrontou, no seu campo, o velho rival de Évora, o Lusitano Ginásio. Para um dos domingos próximos, espera a visita do Sport Lisboa e Benfica, com Alfredo Valadas, um dos melhores jogadores que se têm feito em Beja.

Este novo desafio com o Lusitano trouxe mais uma derrota para o Luso. Perdeu, ainda que pela tangente, por um 0-1 que não foi capaz de modificar, não obstante haver exercido «longa superioridade, mais territorial que técnica, em toda a segunda parte. No primeiro tempo, houve ainda equilíbrio entre os dois adversários. Após o intervalo o Lusitano jogou nitidamente à defesa, menos por tática que por impedição do ataque dos campeões de Beja.

Ambos os grupos apresentaram equipas desarticuladas, heterogeneas, com elementos novos enquadrados com jogadores de certa idade, com larga experiência do jogo mas sem velocidade bastante para acompanhar o labor esforçado da gente moça. O Lusitano apresentou um guarda-rédes de muito valor — Norberto.

Entre os vencedores, destacaram-se: Norberto, Amaro e Luís de Sousa. No Luso, os elementos que mais brilharam foram Justino e Soga, à defesa, Carvalho, médio-centro, e Sardinha, quando à meia-esquerda.

Y.



2

A semana ATRAVÉS DA OBJECTIVA



A final do campeonato nacional de espada; 1—Plagrange instantâneo que colheu o momento culminante de uma flechada de Melo e Castro sobre Herbert Santos; 2—Henrique da Silveira, notável atirador olímpico, não concorreu mas seguiu com interesse a prova, instalado numa janela do Centro de Esgrima. Ladeiam-no Arménio Lopes e Hintze Ribeiro; 3—Os finalistas e o director dos combates; a partir da esquerda—D. António de Almeida, dr. Arsénio Cordeiro, Herbert Santos, Penha e Costa, Mário de Norenha, João da Cruz, D. José de Melo e Castro, dr. Jorge Oom e Fernando Pereira.

(fotos Nunes d'Almeida)



O PORTO DESPORTIVO

Remo: 1, 2 e 3 — As equipas do Sport Clube do Porto, vencedoras dos campeonatos de velocidade em seniores, principiantes e juniores. Ciclismo: 4— Fase de uma das provas efectuadas no Estádio do Lima.

(fotos Hermann)



PORTUGAL DESPORTIVO



1



5



3



1 — O Académico de Viseu, vencedor da sua zona no campeonato nacional da II Divisão; 2 — O Desportivo Santa-cruzense, de Santa Cruz da Trapa, um dos melhores "onzes" da região de Lafões; 3 — O Luciano Calado, hábil jogador do União de Tomar; 4 — O Recreativo de Antes (Mealhada); 5 — Fausto Briosa, excelente avançado-centro do G. D. Troviscal; 6 — O Moreirense F. C., campeão da 2.ª Divisão da A. F. Braga; 7 — O grupo de "volley-ball" da Escola "Júlio Martins", de Chaves; 8 — O "team" do G. D. Troviscal, que tem conseguido resultados interessantes na sua região.



6



7



8

ATLETISMO — Disputaram-se na pista das Salésias os campeonatos universitários, por iniciativa da Associação de Atletismo de Lisboa, de colaboração com o Instituto Nacional de Educação Física, apurando-se os vences ores seguintes:

100 metros, Fernando Ferreira, «Inef», 11 s. 5/10; 200 metros, Mario Lemos, «Inef», 25 s. 2/10; 400 metros, Rebêlo Gomes, «Ciências», 57 s.; 800 metros, Costa I eira, «Inef», 2 m. 10 s. 9/10; 1.500 metros, Rebêlo Gomes, «Ciências», 4 m. 39 s. 9/10; 110 metros barreiras, Fernando Ferreira, «Inef», 17 s. 4/10; 3 x 100 metros, Inst. Nac. Ed. Física (Mario Lemos, Fernando Ferreira e Próspero Santos), 34 s. 9/10 (novo «record»); o anterior era de Económicas e Financeiras, com 35 s.; 3 x 400 metros, Inst. Nac. Ed. Física (Fernando Ferreira, Bustorff Ferro e Costa Pereira), 2 m. 57 s. 9/10; altura, Manuel Meneses, «Ciências», 1^m, 70; comprimento, Mota Capitão, Medicina, 8^m, 41 (novo «record»); o anterior era de Mario Porto, com 6^m, 27; tripla, Moniz Pereira, «Inef», 12^m, 90 (novo «record»); o anterior era do mesmo atleta, com 12^m, 58; disco, Bustorff Ferro, «Inef», 33^m, 56; dardo, Miranda de Andrade, «Ciências», 35^m, 82; peso, Fernando Ferreira, «Inef», 10^m, 28.

— O Sporting e o Benfica proseguiram nas suas campanhas de propaganda, fazendo disputar novos torneos entre sócios, salientando-se Amílcar Monteiro, José Simões e Mario do Carmo.

«BASKET-BALL» — O Operário ganhou o campeonato de Lisboa da 1.^a Divisão, em 1.^a, 2.^a. Nas outras categorias ficaram Campolide e C. S. — No torneio promovido pelo «Ivavis», de Coimbra, integrado na sua «Sena Desportiva», o clube organizador conquistou a taça «Stadium», derrotando o União na final.

— Com as três vitórias seguidas do Rio Sêco, o Ateneu passou ao último lugar do campeonato lisboense da Divisão de Honra, de cujo estio ia apurados vencedores nas categorias inferiores: Atlético (2.^{as}) e Beiteneses (4.^{as}).

FU BÓL — Principiou o torneio popular, promovido pela A. F. L. para disputa da taça «Propaganda». Nos primeiros jogos ficaram vencedores o Caselas P.C. os Aquilas de Campolide, o União Desportivo e o Botafogo.

— O Unidos do Barreiro perdeu, no campo da Amoreira, com o Estoril Praia por 2-5.

— Em Setúbal efectuou-se o terceiro desafio de competência para entrada na 1.^a Divisão da Associação do distrito. O Arrentel, derrotando o Aldegalense, por 2-0, assegurou a entrada.

— A equipa do Avenida Palace, derrotando a do Hotel Europa, por 3-0, ganhou o torneio entre grupos hoteleiros.

GIMNÁSTICA — No Colégio dos Recreios realizou-se anteontem o sarau luso-espanhol, promovido pelo G. C. P., ao qual nos reportaremos mais de espaço no próximo número.

— O Lisboa Gimnástico organizou um interessante sarau em favor de Arcos, a favor da corporação dos Bombeiros Voluntários de Lisboa.

HÍPISMO — Em 21 de Junho realizou-se o 32.^o Concurso Hípico Internacional de Lisboa, com a participação de uma equipa espanhola.

Nos dois primeiros dias verificaram-se os vencedores seguintes: Placenta da Gama, no «Guapo», em 1.^m, 2^{as}, e D. Angel Somalo, na «Galite», em 1.^m, 19 s. 4/10, respectivamente, nas séries A e B da prova «Cresce».

HOCKEY EM CAMPO — Principiou o torneio da taça «Costa Campos», de que participam as melhores equipas de Lisboa.

HOCKEY EM PATINS — Com os triunfos alcançados nas últimas partidas do campeonato de Lisboa — que deve concluir-se no domingo — o Futebol Benfica tem garantida a entrada no torneio nacional, enquanto o Campo de Ourique relegou para o Ligas ou o Ateneu Comercial o último lugar da classificação e com êle o perigo imediato da baixa à 2.^a div. B.

PEDRES FRANCO — Em 21 de Junho o País disputaram-se os eliminatórios do «Grande Campeonato Nacional Popular dos 3.000 metros», uma organização do «Diário de Notícias» integrada nas «Jornadas de Propaganda Desportiva». O melhor resultado fez-se em Famalicão, cujo vencedor, a acreditar-se na «tempo» que lhe apuraram, batera o «record» do Mundo da distância.

RUGBY — Nos campeonatos regionais do norte, disputados no Rio Douro, ficaram vencedores: Clube Fluvial Portuense, Sport Clube do Porto, Clube Náutico de Viana e Sporting Clube Vasco da Gama.

TENIS DE MESA — Oliveira Ramos, do Benfica, foi o vencedor da «Taça de Honra», uma organização das «Jornadas».

TIRO ALVO — Na prova «Benfica-Orfeão do Porto», o primeiro fez, colectivamente, 1181 pontos contam 1179. No apuramento individual verificou-se igualdade: 588 pontos.

— Cento e quarenta e um atiradores tomaram parte na prova geral individual do torneio da F. N. I. M., estando empatados, no primeiro lugar, Antero Lopes (Benfica) e Manuel Garrido (Atlântico), com 249 pontos. A prova especial para senhoras ainda está a disputar-se.

— A prova «Junho-1943», integrada nas «Jornadas», foi ganha por Mario Borges Lanza, com 200 pontos (47 no desempate).

TIRO A CHUMBO — Eduardo Jorge ganhou o «Grande Campeonato de Handicap do Sul», com 57/70, Vela. — Em Pedrouços efectuaram-se as regatas do «Grande Li» da Vela», englobado nas «Jornadas de Propaganda Desportiva», a que no próximo número faremos pormenorizada referência.

«WATER-POLO» — No torneio entre sócios do Algeas, triunfou a equipa D, constituída por Florêncio, Paêz, Patrão, Secadura, Canhão, Malheiro e Ramos. A equipa de Jacinto Janardo ganhou o torneio de infantis.

MANUEL MATOS

classificou-se para disputar com Miguel França o título de campeão nacional dos «leves»

A última reunião de «boxing», no Estádio Mayer, teve apenas o interesse da meia-final do campeonato nacional dos «leves», em que se defrontaram Matos e Raúl. Porque a sessão, na generalidade, foi banalíssima. Não desagradou, é certo, mas também não teve um combate que realmente «chamasse» o público — que por isso mesmo foi escasso, de conformidade com o programa.

Que pode interessar um Gama ou um Eduardo Alves — ou mesmo um Alberto Afonso? Nada verdadeiramente nada! E a circunstância de figurarem no programa dois «matches» de certa categoria (Matos-Raul e Mateus-Oliveira) não é o suficiente para captivar o bom público auxiliar do «rejuvenescimento» do pugilismo. Mas a Sala Central deu mais um «tirinho» — ou não estivesse localizada no Parque Mayer... — e o público foi naquilo...

A sessão começou com a «peleja» Guilherme Martins (60,200) — Alberto Afonso (56,700). Peleja? Foi um cinco «rounds» insonso, sem curiosidade! Ao cabo deles o sr. Rudolfo Pereira decidiu dar o triunfo ao «velho» Alberto. O nulo, contudo, seria mais acertado — mesmo porque o portuense lutou com entusiasmo.

Seguiram-se Joaquim Zulmiro (59,200) e Eduardo Alves (59,400). Outros cinco «rounds» banais, com triunfo merecido de Zulmiro, que no 2.^o assalto teve um sóro feliz ao queixo de Eduardo e «liquidou-o», positivamente, para o resto do combate. Arbitrou o sr. Machado Junior.

Alfredo de Oliveira (62,900) é um jovem cheio de entusiasmo. Mas não sabe de «boxing» — e o que lhe ensinaram é pouquíssimo! Defrontou José Mateus (61,100) em 8 rounds. Mas desta vez perdeu. E bem — muitíssimo bem — pois a pesar de valente recebeu punição severa. A este rapaz ainda não tinha acontecido perder! Perdão, ainda ninguém se atreve a dar-lhe a derrota. Ultimamente, no Coliseu, Mateus ganhou — mas Oliveira é que teve a decisão a seu favor. Foi um escândalo! E agora voltou a ganhar, confirmando de maneira iniludível a sua superioridade em todos os aspectos da luta. Pierre Charles ainda hesitou, esperando talvez o apoio da assistência... Em suma: Alfredo de Oliveira, ídolo que alguns críticos, mal-amigos, incensaram, se não perdeu popularidade deve, realmente, ter tido a certeza de que afinal não é tão bom «boxeur» como lhe fizeram crer...

Quem é o Gama? Quem é o Carvalho de Bucelas? Dois bons rapazes, sem jeito nenhum, mas com muita necessidade de ganharem uns cobrezitos... Neste «match» — que não chegou a durar um «round»! — Diamantino Gama (73,700) levou quatro ou cinco sopapos bem puxados, «descontrolou-se», sentou-se nas cordas e acabou por desistir. Uma tristeza! António de Carvalho (67,600) «sentiu» a confiança do público e foi, mais tarde, chamado ao «ring». Eis um «número» extra-programa, com que se não contava...

Por fim jogaram Manuel Matos (60,050) e Raúl de Oliveira (60,350). Na direcção do combate: Xavier de Araújo. No júri: Pierre Charles, Caballero y Serodio e Carlos Lopes. Nos três primeiros «rounds» Raúl empregou-se com vontade, batalhando como convinha. Mas depois Matos recuperou — e como Raúl (um «bloco de granito») não pudesse superar, com a sua habitual fogosidade e valentia, a maior experiência do antagonista — e foi acumulando pontos, os suficientes para conquistar o direito de disputar a Miguel França o campeonato dos «leves». Mas o combate não satisfaz — como espectáculo — embora Raúl se exhibisse boa esgrima de punhos e Raúl se tivesse portado bem, melhor do que esperaríamos, em face da «qualidade» do adversário.

J. M.

O Clube Naval de Lisboa inaugurou ante ontem as suas aulas de natação, que funcionam todos os dias úteis, das 18 às 20 horas, e às 2.^{as}, 4.^{as} e 6.^{as} feiras, das 7.30 às 9 horas. São instrutores os sr. Vergílio Franco, Vasco Monteiro, Jorge Silva e António da Gama Pacheco.

— Tem estado em festa o Sport Clube Intendente, por motivo da passagem do 10.^o aniversário, cujas comemorações se prolongam até ao dia 27. No próximo domingo effectua-se uma homenagem à imprensa.

— O Campolide A. C. promoveu uma interessante exposição de arte fotográfica, que teve bom êxito.

— Recebem o boletim mensal da Academia 1.^o de Setembro de 1857, correspondente ao mês em curso.

— Reorganizou-se recentemente o Sporting Clube Lazaro Leitão, que tem aberta a inscrição para a prática das modalidades seguintes: futebol, «basket», natação, tênis de mesa e atletismo.

— No União Almadense foi eleito nova direcção, composta dos sr. David Mendes, Francisco Valente, Américo Carvalho Santos, Ventura Ribeiro Varanda, Jacinto Ferreira de Carvalho Louro, José Rodrigues Ribeiro e Marciano Martins.

— Comemorou-se o 14.^o aniversário do Pedrouços A. C., de Águas Santas, Mala (Pórtu).

— O Olivais F. C., de Coimbra, a exemplo dos anos anteriores, organizou a sua «Semana Desportiva», com diversas provas de «basketball» e pedestrianismo. A agremiação, modesta mas simpática para os desportistas da cidade do Mondego, devem-se-lhe as maiores organizações dos chamados desportos pobres. Henficia, Carande, União Lisboa, Vasco da Gama, F. C. Porto, Gaiões, Leiria Gimnástico e tantos outros, são clubes com seu nome firmado no «basket» nacional, que, a convite dos Olivais, já se deslocaram a Coimbra. Foi também o Olivais o primeiro clube a apresentar, em Coimbra, um grupo feminino do «basket», que ainda hoje se mantém em franco progresso.

TÊNIS

(Continuação da pág. 11)

tem para não interromper definitivamente a actividade.

A F. P. L. T. viu-se forçada a reduzir o programa das competições, evitando até, ao que consta, a publicação do calendário.

E, assim, o tênis continua adormecido...

...

Dentro do «programa» já apontado, são muito de louvar todas as organizações que apareçam a animar e movimentar o meio tenista.

Ultimamente têm-se registado algumas iniciativas de interesse, a maior parte das nascidas no Clube Internacional de Futebol — uma colectividade de honrosas tradições (Neste desporto. Dois encontros inter clubes (Internacional-Estoril e Internacional-Algés e Dafindo), o torneio da taça «Marichens», o Campeato Noturno do C. I. F. e um torneio de pares-homens, promovido pelo professor W. Douglas, tiveram o condão de quebrar a monotonia da temporada, tornando outras tantas competições de agrado, mais porque se matam saudades do que por qualquer outro motivo.

É natural que outras organizações surjam ainda, quer oficiais, quer particulares. De deixar que nelas se verifique perfeito entendimento e propósito de estreita colaboração entre dirigentes, organizadores e jogadores — condição indispensável para reduzir as dificuldades.

...

Até há poucos anos a actividade limitava-se, por assim dizer, a Lisboa e Pórtu. E outras regiões, onde o tênis podia encontrar ambiente propício à sua expansão, não davam sinal de si.

Neste aspecto melhorou-se. Coimbra e o Algarve manifestam presentemente grande interesse pela causa.

Dentro do que as circunstâncias permitem, conhimicenses e farenenses procuram organizar competições, quer individuais, quer de equipas, demonstrando que estão no bom caminho e não se poupando a sacrifícios para tomarem contacto com jogadores mais experientes.

O sr. visconde de Talone, em Coimbra, e o sr. Manuel Lã, em Faro, são dois entusiastas da melhor tempera, capazes de fazer vigiar a modalidade nas suas regiões.

Não restam, portanto, dúvidas de que o tênis tende a expandir-se. Registemos o facto com satisfação.

DRIVE

Pôrto, o congresso resolveu e aprovou um regulamento para o campeonato de Portugal a que têm de se sujeitar os clubes norteños. À hora a que escrevemos, consta que a A. H. P. vai expôr à Federação a circunstância especial do seu «caso», e, ao mesmo tempo, porque não concorda inteiramente com as bases do regulamento da prova, sugerirá uma nova plataforma quanto a certos artigos que julga necessário rectificar.

Um dos problemas é a questão dos árbitros. Os concorrentes do Pôrto, invocando não só uma questão de praxe de épocas anteriores, como, principalmente, pelo factor «moral», defendiam a idéa dos árbitros pertencerem à região dos grupos visitantes.

O regulamento, porém, impreciso neste ponto, apenas determina que é da competência da Federação a escolha dos árbitros. Assim, não sabemos qual o critério a adoptar — mas a pretensão dos clubes portuenses afigura-se-nos absolutamente lógica.

O capricho do sorteio pode determinar uma segunda edição dos campeonatos regionais, para apuramento do finalista. Isto, absolutamente possível, concorreria para a natural quebra do interesse que a disputa entre representantes de regiões sempre aviva.

A final a realizar no Pôrto, idéa posta em execução pelo seu alcance financeiro (quando o jogo fôr realizado com a participação de «cozas» do norte e sul) constituiria decisão contraproducente se porventura os finalistas fôsem de Lisboa. No entanto, está assim regulamentado, e há que se respeitar...

Continuam sem resultado práticos jogos de apuramento para formação do grupo da A. H. P. que ha-de bater-se com a equipa da A. H. L. Verifica-se a ausência de elementos considerados indiscutíveis, há visíveis rivalidades pessoais em campo — e o conselho seleccionador vê-se em sérias dificuldades.

Depois, a irregular exhibição de jogadores já escolhidos e a falta de capacidade técnica de outros para os lugares ainda por preencher, agravam a situação do conselho técnico.

Em relance, fazendo-se o confronto com as épocas anteriores, o grupo portuense — qualquer que sejam os jogadores — tem menor valor pessoal e, consequentemente, colectivo. Em especial na defesa, o problema apresenta-se difícil de resolver.

Notas... sem valor

A-PESAR da rigorosa «vigilância» directiva, o médio centro do Académico, António Marques, bateu... as «casas» para o sul... Muito em «se:redo», preparou as coisas, a fim de evitar alguma surpresa...

— Para maior segurança, o emissário do sul, antigo companheiro do grupo de futebol, conviveu sempre com António Marques.

Mais tarde, dias depois da sua chegada à capital, António Marques, para deitar «poeira» arranhou o mesmo «disco» do médio-esquerdo — uma questão de ordem moral, etc...

— A direcção do Académico, sem preocupações, tem agora mais uma oportunidade para dar o «golpe» nos aventureiros da bola, os principais responsáveis destes espectáculos anti-desportivos. Acabem, por favor, e para bem do desporto nacional, com tanta «brincadeira» futebolística!

— Já há nova direcção na Associação Portuense de Atletismo. Desta vez sempre compareceu número suficiente de delegados para eleger os novos corpos gerentes... Tem a seguinte constituição a lista aprovada: Presidente, engenheiro Vidal Pinheiro, do Salgueiros; secretário, Joaquim Moreira Júnior, Pôrto (?); tesoureiro, António Joaquim Figueiredo, Salgueiros; vogais, José Bastos, Académico, e Manuel Morato, Académico Basket

A BEM DO DESPORTO!...

Simpática, louvável sob todos os aspectos, a campanha a que o «Diário Popular» meteu ombros a favor da chamada «semana inglesa».

O problema (se problema se pode chamar) tem sido encarado sob vários prismas — o salutar, o psicológico, o social, etc. — mas até hoje ainda não apareceu uma única voz discordante ou alguém a justificar qua, aos que trabalham, seja negada esta regalia, adoptada em quasi todos os países e, felizmente, já regularmente vulgarizada entre nós.

Sabe-se que há quem rejeite e contrarie tudo o que represente um pequeno benefício... para os outros... Agarram-se à rotina, à tradição, aos hábitos — mesmo aos maus hábitos... — e dificilmente cedem. No entanto, porque se trata de causa justa, mais uma razão para se insistir, mais uma razão para se lutar.

Também muito «bota de elásticos» pretendem contrariar o descanso semanal obrigatório; igualmente discordou das férias anuais a conceder ao seu pessoal, que uma inteligente disposição legal acabou por fixar. Contudo, os empregados de escritório e do comércio e os operários conquistaram essas regalias e não consta que por causa do encerramento nos domingos e das férias do pessoal tenha havido mais falências ou os lucros normais do capital tenham diminuído...

É tudo uma questão de norma e de boa vontade — em reconhecer direitos alheios.

Quanto ao assunto agora em voga, nós, os desportistas, não podemos ficar indiferentes. Por isso aqui erguemos a nossa voz, dando apoio incondicional aos animadores da inteligente campanha.

Excusado será apontar as vantagens que podem advir, para a prática do desporto, da generalização da «semana inglesa», de tal modo elas ressaltam à evidência. Entendemos, portanto, que os organismos desportivos e os desportistas em geral devem manifestar-se a favor de tal objectivo: pela acção os que puderem; pela palavra, os que não puderem ir mais longe...

Nós, que pertencemos, infelizmente, ao segundo número, aqui estamos a pagar o nosso tributo, perfilhando as teorias dos nossos colegas do «Diário Popular» e pedindo-lhes que só parem quando atingirem a meta!

RUI DE LISBOA

Clube de Braga. Predomina neste conjunto directivo determinada corrente clubista, imposta pelos encarregados da confecção do elenco. Mas na presidência está o engenheiro Vidal Pinheiro, para «cortar» os «pés» aos simpatizantes da facção clubista...

— Grossas complicações no «basket ball» portuense, com a saída do presidente da Associação. Para evitar intervenção estranha, bastante aborrecida para os dirigentes deste organismo regional, os «demitidos»... voltam aos seus cargos, para tranquilidade do «basket-ball».

— O novo projecto do campeonato de Portugal de «hand-ball» não caiu bem no bargo tripeiro. Forçou, portanto, o «caso» uma entidade fora da região, para beneficiar outro agrupamento. O congresso da Federação tem de encarar o aspecto geral do «hand-ball» e afastar o perigo da questão inter-regiões.

— O «torneio dos quatro», de «hockey» em campo, fechou com a vitória do Leixões, no campo do Bessa. Conquistou o troféu instituído pela Associação Portuense, com a cooperação dos «amigos» do desporto. O Leixões, com oito pontos, afastou o seu mais cotado adversário — o Ramaldense Futebol Clube.

— O Salgueiros, antes de terminar a época, já apresentou no jogo, em Gaia, nova «matéria prima». O José de Almeida, como bom amigo do Salgueiros, arranjou «coisa» boa...

DR. ALVARENGA

5.000 metros e 20 pessoas!...

para duas tripulações

NO penúltimo domingo correu-se ao longo da muralha da Junqueira — o percurso clássico, enquanto não existir uma pista própria — o campeonato regional de fundo, em remo. Antigamente, e não vão passados muitos anos, uma prova deste género registava sempre concorrência apreciável. Os remadores preparavam-se com antecedência, os clubes dedicavam particular atenção à regata e no dia aprazado havia animação, aquela animação que podemos exigir a um desporto catalogado como «pobre» — mas afinal tão rico de emoções e tão utilitário sob o ponto de vista fisiológico.

Digase, entretanto, que não concordamos com esta regata de 5.000 metros. Há tempo que ela está abolida em muitos países que à nautica dedicam especial carinho. É uma competição viciosa e de duvidoso cociente técnico. É ingrata. Durante a época realiza-se uma unica. Os atletas sentem um entusiasmo relativo, que tem diminuindo na razão directa do desinteresse dos clubes.

Deixemos, porém, para outra oportunidade a discussão do critério que mantém de pé a regata de 5.000 metros. E voltemos ao campeonato deste ano.

Nasceu sob mau signo. Marcado no principio da época, juntamente com as demais provas, quatro dias antes da data escolhida não era certa a sua realização. Haviam inscritas apenas duas tripulações e pensou-se em adiamento. Na sexta-feira prevalecia a duvida que só à noite se desfez. No domingo, 6, reuniram-se dez homens em barquinhos «ca-ca de noz»... E fôram para a Junqueira disputar o campeonato...

Como espectáculo propriamente dito, ou melhor, como «ambiente», pouco excedeu o de uma prova de solteiros e casados...

Cinco desses homens representavam o Grupo Desportivo da C. U. F. e outros cinco o Grupo Desportivo da C. P.

Quere dizer: os dois mais representativos clubes de Lisboa, a Associação e o Naval, não tiveram uma unica tripulação, em qualquer categoria, para mandar à regata! Nem ao menos um in-rigger ou guiga, como queiram chamar-lhe.

Triste sintoma, para o qual a unica justificação é o pouco trabalho em profundidade das colectividades que, pelos seus pergaminhos, deveriam manter bem acesa a chama do interesse.

Sabemos também, e é justo que se diga, que a geração mais recente que se dedica ao remo sofre de muitos e variados defectos: custa-lhe levantar-se cedo e ter persistência para, mesmo com intempéries, não faltar à grande e metódica preparação que o remo de competição exige!

A. C. U. F. e a C. P. correram em «yoll!». Assistência: os representantes das duas colectividades, os juizes de partida e chegada, os cronometristas e... 20 pessoas, que por acaso se encontravam a gozar o fresco pela Junqueira...

A regata não desmereceu em absoluto. Teve mesmo a virtude de proporcionar uma surpresa: a derrota dos campeões da ultima temporada. O desfecho talvez não fôsse de prever, dada a classe demonstrada o ano passado pelo conjunto da C. P.

A. C. U. F. ganhou muito bem, assegurando uma diferença apreciável de 3 comprimentos e meio. Os adversários não deram a réplica que seria de esperar. Preparação inferior, sentindo mais nitidamente, pareceram-nos, os efeitos do calor.

A organização esteve confiada ao Clube Naval. Facilita, a todos os titulos.

O que é pena é que para dois clubes ganharem um campeonato seja necessário gastar tantos metros de percurso...

Sans rancune...

ARGONAUTA

Stadium

N.º 28 * 16 DE JUNHO DE 1943



O ataque benfiquense: Azevedo, o grande homem do Sporting, vai repelar a bola para perto e proporcionar a Pires a marcação do «goal» da vitória!

(foto Nunes d'Almeida)